

La tierra tiembla

Desde seu primeiro número, em 1996, a revista *Lutas Sociais* trazia, na primeira orelha, um manifesto de três parágrafos, que também serviu como texto de apresentação do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS) – coletivo sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Às vezes, sugerimos sua leitura, especialmente do pequeno parágrafo, que nos parece guardar toda a atualidade. Reiteramos a sugestão, mas sem abrir mão da criticidade, pré-requisito de toda atitude científica.

O motivo desta lembrança é a referência nem sempre explicitada ao pequeno texto elaborado quase três décadas atrás. Muita novidade chegou e merece estudos criteriosos. Porém, algumas coordenadas possuem enorme resistência. São, em diferentes níveis e temporalidades, estruturais. Outras, embora possam parecer, são mais fenomênicas. E outras, enfim, se aproximam do efêmero. Um ponto comum aos textos apresentados aqui é a abordagem de objetos, temas e questões relacionados com as duas primeiras dimensões dos processos sociais.

A variedade é grande, assim como a dos procedimentos teórico-metodológicos.

No primeiro artigo, Samara Carvalho, destaca a abordagem por Lima Barreto, um escritor cuja enorme importância é cada vez mais reconhecida, das relações sociais populares no início do século XX, com atenção especial para as relações étnico-raciais.

Um procedimento que se repete ao longo da história do capitalismo, especialmente a partir da primeira metade do século XX, é a apologia das inovações tecnológicas no espaço fabril com impactos sobre as diversas relações sociais. Foi assim com o fordismo cantado em prosa e verso, mas também alvo de críticas geniais, como o filme *Tempos Modernos*, de Chaplin, e o *Taylorismo e fordismo*, escrito por Gramsci na prisão, ambos atentos às dimensões não puramente tecnológicas, destacando múltiplos aspectos do modo de vida a elas vinculado. Na virada do milênio, chegou a vez de se cantar em prosa e verso as maravilhas do toyotismo, com a fábrica limpa e enxuta, a extinção da linha de montagem, a inutilidade do capataz, o *just in time* etc. E pouco se atentou para as condições degradantes de trabalho, às vezes mais que análogas à escravidão, para onde fugiu boa parte da produção em busca de lucratividade cada vez maior.

Neste promissor século XXI, trabalho remoto, criativo, sem sair do lugar, emitindo comandos (por enquanto) para as máquinas cuidarem de tudo. Em “Modo de vida, ideologia e gerência do trabalho”, Guilherme Henrique Guilherme, recorre às contribuições de Gramsci para realizar um ótimo trabalho de pesquisa empírica e teórica sobre o papel da Ideologia do Vale do Silício, lá mesmo, no processo de subsunção do trabalho ao capital.

Em “Uberização, precarização e pandemia: um estudo em Natal-RN”, Eliane Jurasky Camilo e Dante Henrique Moura estudam os impactos da pandemia de Covid-19 sobre trabalhadores por aplicativo na entrega de alimentos em Natal-RN e região metropolitana. Por meio de pesquisa empírica realizada à luz de perspectivas críticas, reforçam a hipótese de que o processo de precarização do trabalho foi intensificado pela pandemia.

Dois artigos tratam da questão ambiental. Wagner Damasceno, ao mesmo tempo em que se volta para ela a partir da crítica marxista da exploração do trabalho e da alienação, examina as consequências destrutivas impostas. E, com maestria metodológica, Claudete Pagotto aborda as relações entre o processo de produção de mudas nativas e viveiro florestal e o trabalho educacional de uma associação ambientalista que opera no interior do Estado de São Paulo. A autora destaca a lógica predatória do capitalismo em relação ao meio ambiente e, em contraposição, a importância da educação ambiental crítica.

O Dossiê, *La tierra tiembla* (A terra treme), também veio alentado e, mesmo ao abordar questões de maior abrangência, se volta para a América do Sul.

Francisco Dominguez faz uma avaliação positiva do governo Maduro, na Venezuela, e procura explicar como: 1) apesar de uma profusão de medidas contra este país, os Estados Unidos e a oposição venezuelana de direita não conseguiram enfraquecer o governo; 2) diversas políticas governamentais não somente possibilitaram a resistência à pressão estadunidense como mantiveram o chavismo como força hegemônica na Venezuela. Jorge Viaña analisa as transformações do poder político na Bolívia, centrando o foco em três idas e vindas: nas relações entre movimentos sociais e Estado, mais especificamente, os avanços e retrocessos na construção do Estado Plurinacional; e, a partir de Gramsci e Zavaleta, na centralidade do Estado bem como nos dilemas estratégicos que emergem na articulação desse aparato de poder e as resistências das massas. Eliel Machado se volta para um tema sensível mas pouco abordado: os sérios limites impostos pelas democracias burguesas na América Latina. O pano de fundo é a análise da complexa relação entre o exercício da soberania popular e o imperialismo. Jair Pinheiro e Gabriel Gualhanone Nemirovsky discutem os efeitos negativos da separação político-semântica entre os termos “autogestão” e “controle operário”, promovida pela prática efetiva das Empresas Recuperadas por seus Trabalhadores (ERTs) na Argentina. A partir de formulações teóricas elaboradas por Nicos Poulantzas, os autores consideram que as demandas dos trabalhadores não avançarão sem um

aprofundamento de suas concepções sobre o Estado burguês e sobre as alternativas estruturalmente viáveis. Gustavo Casasanta Firmino aborda uma questão importantíssima para a compreensão do contexto e surgimento da onda de direita, que adquire proporções impressionantes no Brasil atual. Para isso, ele seleciona três variáveis para analisar as manifestações de junho de 2013 e as do biênio 2015-2016, estas explicitamente voltadas para a exigência do impeachment de Dilma Rousseff.

Renata Gonçalves e Beatriz Munhoz Guarnieri examinam o recurso à violência de gênero, inclusive por meio de ameaças de agressão física, prisão e mesmo assassinato, para deslegitimar e excluir da vida política Cristina Kirchner, presidenta da Argentina (2007-2015) e vice-presidenta (2019-2023) e Dilma Rousseff, eleita presidenta do Brasil por duas vezes (2010 e 2014), mas impedida, por meio de típico *lawfare*, de concluir o segundo mandato. Entre os resultados mais importantes destes processos, as autoras destacam o avanço político da direita e da extrema-direita nos dois países. O dossiê é finalizado com uma entrevista de Lúcio Flávio de Almeida (eu mesmo). Sob o título “Os governos Lula e os golpistas de 08 de janeiro de 2023”, a entrevista concedida a José Rubens Mascarenhas de Almeida e Joana Coutinho abordou os fatores que contribuíram para o crescimento da extrema-direita no país e à tentativa de golpe, em 08 de janeiro de 2003, contra um terceiro Governo Lula.

Três resenhas encerram este número de *Lutas Sociais*: Ricardo Gaspar escreve “Cuba: uma trajetória em risco”, sobre o livro *Entre a utopia e o cansaço: pensar Cuba na atualidade*, organizado por Alina Marcondes Miglioli, Fabio Luis Barbosa dos Santos e Vanessa Oliveira. Cristina Oliveira dos Santos, na resenha “Marxismo: uma teoria indispensável para a luta das mulheres negras”, apresenta *Mulheres negras e marxismo*, coletânea organizada por Leticia Parks; Odete Assis e Carolina Cacao. Por fim, Aline Cristina Pelozo Rabaglio adota a questão da “Diversidade na Superfície” para introduzir os leitores à obra *O pacto da branquitude*, de Cida Bento.

A produção deste número 52 de *Lutas Sociais* é um trabalho coletivo do pessoal do NEILS, cada qual participando com maior ou menor intensidade dependendo da proximidade com os temas abordados e do tempo disponível em cada momento. Mas, em todos e todas, cada número publicado nos proporciona imenso prazer. E quanto mais críticas vierem de quem lê a revista, maior será o estímulo para fazê-la melhor.

L. F. R. A. (Editor)